

PREFÁCIO

“A VERDADE SERÁ SEMPRE NOVA”

Márcio Venício BARBOSA*

Há poetas que abrem um novo tempo e deixam uma marca indelével na expressão poética, que, ampliada em suas possibilidades, passa a matizar com novas cores os versos de novos poetas. Há aqueles, porém, poucos, que, além de introduzir o novo na poesia, continuam dialogando com as gerações que se seguem. Este é o caso do poeta francês, nascido em Roma, Guillaume Apollinaire.

Com sua figura simpática, até mesmo na foto em que um curativo esconde o ferimento causado na guerra, Apollinaire, apesar de uma infância conturbada, ao lado de sua mãe, sem uma referência paterna e exposto, com seu irmão mais novo, a uma vida de aventuras, foi uma presença marcante entre os intelectuais franceses do início do século XX, tendo se relacionado com boa parte daqueles que, nas artes e na literatura, estiveram à frente das vanguardas europeias.

Também vasta foi sua vida amorosa, com ligações sempre mal-sucedidas, justificando seu desabafo no poema *Le Mal aimée* [O mal-amado]. Essas experiências, porém, estão no alicerce de seu lirismo amoroso, em poemas que falam, com extrema sinceridade, das desilusões, do desespero e da dor dos amores fracassados, o que, talvez, justifique a atualidade do poeta nesse campo e seu sucesso nas livrarias, mesmo passados mais de cem anos de seu falecimento, vítima da gripe espanhola, em 1918.

* UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - Departamento de línguas e literaturas estrangeiras modernas. Professor associado de Língua e Literatura Francesa. Secretário de Relações Internacionais da UFRN. Pesquisa a obra de Roland Barthes e coordena o Grupo de Pesquisa “Escritor Plural: estudos pluridisciplinares da obra de Roland Barthes”. Participou, como organizador, da publicação dos livros Maurice Blanchot (Annablume, 2004), Iterartes (EdUFMG, 2010), Roland Barthes Plural (Humanitas, 2017) e Novamente Roland Barthes (IFRN, 2019). Natal - RN - Brasil. 59072970 - mbarbosa.ufrn@gmail.com

Mas este não é o único campo em que se destaca a obra de Apollinaire. Não conseguindo fazer os exames para ingresso no ensino superior, ele desistiu dos estudos, o que não o impediu de atuar como jornalista e, sobretudo, não impediu tampouco que desenvolvesse de forma autodidata uma cultura invejável. Seus conhecimentos lhe permitiram, por exemplo, exercer uma crítica de arte considerável, expressa sobretudo no livro *Méditations esthétiques* [Meditações estéticas], de 1913, além de exercer também a crítica literária e escrever, inclusive, um manifesto: *L'Antitradition futuriste* [A anti-tradição futurista]. Seu interesse pelas artes, sobretudo as artes visuais, associado ao gosto pela modernidade, levam-no a escrever roteiros de cinema e a buscar essa visualidade na própria materialidade de seus poemas, o que resultou em seus *Caligramas*.

No Brasil, o interesse por Apollinaire se manifesta desde as primeiras horas do movimento Modernista. Desde Mário de Andrade e Oswald de Andrade até Manuel Bandeira, encontram-se menções a este poeta, falecido antes da semana que inauguraria o modernismo brasileiro. O lirismo, ao mesmo tempo simples e sofisticado, sincero e sonhador, além da expressão linguística inovadora, com a supressão da pontuação, presente em *Alcoóis*, por exemplo, chamam ao diálogo a primeira geração modernista brasileira, preocupada em estabelecer uma linguagem nova, liberando a poesia da expressão passadista vigente então. Mas também as gerações seguintes viriam a estabelecer um diálogo profundo com a lírica apollinariana, conforme mostra Karina Chianca (2007) ao comparar o mal-amado francês com nosso sempre amante Vinícius de Moraes.

Além dos modernistas, dialogam também com Apollinaire os poetas do Concretismo brasileiro, que mesclaram a expressão linguística de seus poemas com uma expressão visual marcante, ela mesma carregada de lirismo, levando a experiência dos *Caligramas*, ela mesma antecedida de outras poéticas, como a de Mallarmé, ao máximo da exploração da visualidade, que só poderia ser superada com o advento de novos suportes, como o vídeo e a internet.

Um dos poemas mais conhecidos de Apollinaire é aquele em que um eu-poético se debruça sobre o Rio Sena, na Ponte Mirabeau, e faz uma bela reflexão sobre o tempo que passa. Mário Laranjeira (APOLLINAIRE, 2013) traduz assim esse poema:

A PONTE MIRABEAU

Sob a ponte Mirabeau corre o Sena
Nossos amores
Devo lembrar a cena
Vinha a alegria sempre após a pena

Venha a noite soe a hora
Eu fico os dias vão-se embora

Mãos entre as mãos fiquemos face a face
Enquanto sob
A ponte dos braços passa
Dos eternos olhares a onda tão lassa

Venha a noite soe a hora
Eu fico os dias vão-se embora

O amor se vai como essa água é corrente
O amor se vai
Como a vida é lenta
E como a Esperança é violenta

Venha a noite soe a hora
Eu fico os dias vão-se embora

Passam os dias passam as semanas
Nem o tempo passado
Nem os amores voltam
Sob a ponte Mirabeau corre o Sena

Venha a noite soe a hora
Eu fico os dias vão-se embora

Vemos ali um eu-lírico que se põe a meditar vendo passarem as águas sob a ponte, entregando-se à inexorabilidade do tempo, que, como as águas, segue num contínuo ininterrupto. Como o rio e o tempo, escoam também os amores, cuja ausência quase faz o poeta esquecer que a dor sempre era sucedida pela alegria. Além de Mário Laranjeira, também traduziram esse poema Décio Pignatari, José Lino Grünwald, Ferreira Gullar e, mais recentemente, Nelson Ascher. Essas traduções, que não devem ser as únicas, certamente, atestam o valor do poema. O número de traduções brasileiras evidencia a preocupação em melhor acolher

o poema em língua portuguesa, o que só acontece quando o poema é passível de dizer algo ainda ao leitor de cada época. Há, entre essas traduções, como é de se esperar, pequenas diferenças, que às vezes provocam um distanciamento da ideia trazida pelo poema, na tentativa de projetar em nossa cultura o sentimento geral que o poema desperta. É interessante observar, por exemplo, o refrão nas diferentes traduções. Em francês, temos: *Vienne la nuit sonne l'heure / Les jours s'en vont je demeure*. Os diferentes autores trazem¹:

Mário Laranjeira:

Venha a noite soe a hora
Eu fico os dias vão-se embora

Décio Pignatari

Que venha a noite e soe a hora
Os dias se vão não vou embora

José Lino Grünewald

Vem a noite, soa a hora
Os dias vão, eu me demoro

Ferreira Gullar

A noite vem passo a passo
Os dias se vão eu não passo

Nelson Ascher

Venha a noite soe o sino
Vão-se os dias eu me obstino

Centrado na percepção do tempo que passa, o poema tem três significantes que funcionam como a materialização desse tema: a noite, a hora, os dias. É interessante notar o imperativo no primeiro verso, como se o poeta chamasse a si esse tempo, numa atitude tanto desafiadora como conformada, dada a impossibilidade de se evitar que venha a noite e que soe a hora. O resultado dessa revolta-entrega aparece no segundo verso, como uma conclusão, os dias passam e o poeta permanece. Ele permanece, contrariando a ideia de Heráclito de Éfeso, e não muda, como tudo o que corre com o Sena. Para utilizar ligeiramente uma ideia de Deleuze e Guattari, é como se ele estabelecesse aqui o seu “devir ponte”, ou como se ponte e poeta não passassem de um só, sentindo ambos sob si tanto as águas que correm, como os amores que escapam.

¹ Confira Apollinaire (2013, 2007, 2016, 2008, 1968).

Entre permanecer próximo da forma do poema em sua língua de partida e recriar uma musicalidade que soe familiar ao leitor da língua de chegada, os tradutores, alguns deles poetas renomados, parecem hesitar. Em geral, as sete sílabas dos versos desse dístico não são respeitadas, nas traduções, sobretudo no segundo verso. Mais grave, entretanto, na tradução de Grünewald, é o retorno da pontuação, que Apollinaire havia retirado não apenas deste, mas de todos os poemas de *Alcoóis*. O que mais interessa, nessas traduções, entretanto, é a tradução do verbo francês *demeurer* (*je demeure*), uma vez que este é o significante que vai se opor ao passar do tempo, causa do sofrimento do poeta, até que ela mesma, a permanência, também o faça sofrer. O significado de *demeurer*, na língua de partida, é “tardar”, o que o aproxima do verbo “demorar”, em português. Em francês, porém, o verbo é intransitivo, o que pode acontecer também em português, mas no mais comum das vezes, utiliza-se “demorar” em português de forma transitiva, buscando, quase sempre, expressar o atraso para que algo aconteça.

O efeito que Apollinaire alcança com esse verbo, porém, é o da permanência do eu-lírico, numa fixidez que é apenas aparente e da qual ele se ressentido diante da velocidade das águas que lhe carregam os amores. Essa sensação da celeridade do tempo, que parece ser exterior a nós mesmos a ponto de nos assustarmos com as mudanças, reflete, no plano pessoal da vida amorosa, o mesmo movimento que marca a modernidade, já intuído por Baudelaire ao observar uma passante nas ruas turbulentas da Paris do século XIX, e que se reflete na citação que aparece como título deste prefácio: “a verdade será sempre nova”, como afirma Apollinaire em suas *Méditations esthétiques*. As mesmas águas que levam os amores, trazem outros, portanto as águas terminam por tudo renovar, inclusive a ponte, que, para além da permanência em sua localização no espaço, não se manterá inalterada ao atravessar os tempos.

Também se renovam os olhares sobre a obra de Apollinaire e as gerações de leitores e críticos se sucedem, trazendo um novo vigor a essa obra que, mesmo centenária, não vê esmaecerem suas cores, mantendo-se sobre a ponte, apreciando e interagindo com o ímpeto das águas. Essa obra é a ponte que nos leva ao tempo do poeta Apollinaire e nos permite entender o homem Apollinaire, num movimento paradoxal que nos permite, buscando entendê-lo, entendermos a nós mesmos.

Esse é o movimento que fazem os autores deste dossiê, que buscam celebrar essa obra em seus vários aspectos e temas. Karina Chianca mostra a exaltação da modernidade na obra de Apollinaire e suas relações com as novas expressões

artísticas de seu tempo pela ótica do *nouveau lyrisme*, e Joëlle de Sermet retoma, em seu texto, o lirismo apollinariano para investigar se ali se manifesta uma enunciação essencialmente lírica, que permita falar em “poesia pessoal”.

Flávia Nascimento Falleiros apresenta a tradução de um trecho das *Méditations esthétiques*, precedida de comentários sobre algumas questões que se apresentam, para a tradutora, à leitura desse texto importante para a visão de modernidade em Apollinaire, visão esta investigada por Pablo Simpson em sua relação com o Cristianismo, como instituição antiquada, numa Europa que começava a se abrir à modernidade.

Leila de Aguiar Costa compara a poesia visual de Apollinaire com a obra da poeta portuguesa Ana Hatherly, enquanto as artes cênicas aparecem nos textos de Márcia Regina Rodrigues, que aborda as ideias apollinarianas de renovação do teatro através da análise do prólogo de *As mamas de Tirésias*; Renata Soares Junqueira, enfim, estabelece uma comparação entre o poeta francês e a obra vanguardista do cineasta português Manoel de Oliveira.

Os artigos deste livro permitirão ao leitor o acesso à obra Guillaume Apollinaire pelo viés da crítica contemporânea, pois para que as águas continuem correndo, não podemos nos ater aos instrumentos de leitura que estavam disponíveis à época da produção de uma obra apenas. É importante entender o momento de Apollinaire, mas esse momento nos dirá muito mais se trazido para os nossos dias, tendo a ponte como referência, mas fazendo-a interagir com novas águas, mostrando que, não importa para que mar as águas corram, esta obra permanece.

REFERÊNCIAS

APOLLINAIRE, G. A ponte Mirabeau. Tradução de Nelson Ascher. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 jan. 2016. Ilustríssima, p. 8.

_____. **Alcoóis**: poemas (1898-1913). Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Hedra, 2013.

_____. A ponte Mirabeau. Tradução de Ferreira Gullar. 2008. Disponível em: <<https://lyricstranslate.com/pt-br/le-pont-mirabeau-ponte-mirabeau-ferreira-gullar.html>>. Acesso em: 29 set. 2019.

_____. A ponte Mirabeau. In: PIGNATARI, D. **31 Poetas 214 poemas – do Rigveda e Safo a Apollinaire**: Uma antologia pessoal de poemas traduzidos, com notas e comentários. Tradução de Décio Pignatari. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007. p. 235.

_____. A ponte Mirabeau. Tradução de José Lino Grunewald. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 8 nov. 1968. O poema em foco, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1968_23186.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.

CHIANCA, K. **L'amour en échec**: lyrisme et mélancolie chez Guillaume Apollinaire et Vinícius de Moraes. João Pessoa: Ideia, 2007.